



ROCHELE ZANDANALI/SECOM

O programa de Pós-graduação em Música da UFRGS completa 30 anos em 2017, sendo o único da área de Artes/Música com conceito sete na avaliação da CAPES

# Busca pela verdade da música

Celso Giannetti Loureiro Chaves \*

Contar 30 anos para trás nos leva a outro tempo, do outro lado do século, quase outra vida dentro desta mesma vida. Em 1987, na música de concerto brasileira, Camargo Guarnieri, líder da música nacionalista de outros tempos, ainda estava atuante como compositor, e seu contemporâneo Francisco Mignone tinha partido há um ano. Aqui em Porto Alegre, Armando Albuquerque partirá também há um ano e Bruno Kiefer, numa infeliz coincidência com a criação do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS (PPGMUS), do qual ele tinha sido um dos incentivadores, faleceria naquele início de ano. O que significa isso na música? Significa que uma geração de compositores estava desaparecendo ou por desaparecer, dando lugar a outras ideias ou incentivando iniciativas ainda desconhecidas em seus debates inevitáveis e necessários.

O caso de Bruno Kiefer é exemplar – os seus muitos livros são modelos que inspiraram a ideologia do PPGMUS na sua criação. Há neles o grande incentivo, o espírito exato, a busca pela verdade musicológica, sem os empirismos e sem os floreios de imaginação que inundavam boa parte da bibliografia musical brasileira de então. O espírito que anima os livros de Bruno Kiefer é o mesmo que inspira a criação da pós-graduação em música na UFRGS: naqueles anos estava instalado o debate entre empirismo e cientificismo, entre exatidão investigativa e o delírio da imaginação inexistente.

Quando o Programa de Pós-graduação em Música iniciou – e durante toda a década seguinte –, esse debate levou a área da música a se organizar em quatro subáreas, que, enfim, se transformaram nas quatro divisões estruturantes e clássicas da pós-graduação brasileira

em música: Educação Musical, Práticas Interpretativas, Composição e Musicologia.

A Educação Musical percorreu seu trajeto naqueles primeiros anos sob um enfoque excessivamente teórico que coincidia com o empenho em transcender o empirismo. Depois, chegou-se a outra transcendência: superar o teórico e o puramente experimental para chegar a um enfoque mais realista, fortemente evadido de conotações amplas de ressonância social. Nesse ponto, a Educação Musical passou a cumprir um papel de reverberação social que, enfim, é o próprio papel que a pós-graduação brasileira deve assumir nas instituições públicas.

A Composição Musical também passou por transformação semelhante. De início, a subárea considerou que suas bases teóricas se encontrariam nas bases teóricas de outras disciplinas, mas uma mudança de rumo foi impulsionada a meio do caminho por várias insatisfações. Para tanto, contribuiu a visita do compositor Roger Reynolds, da University of California at San Diego, numa semana de trabalhos intensivos de composição e de teoria da composição e do processo criativo. Aí o raciocínio se completou: o objeto da pós-graduação em composição musical é a própria composição musical. Esse ponto de chegada ilustra o redirecionamento da área e indicou o início da sua maturidade.

A Musicologia percorreu, por sua vez, suas próprias metamorfoses. A intenção inicial era explorar a então chamada musicologia histórica, liberando-a dos discursos dos musicólogos literatos das décadas anteriores, mais literatos do que musicólogos, nos quais repousava o enfoque empirista e fantasioso cujas falsas verdades ainda não nos deixaram inteiramente. Mas logo houve uma guinada decisiva, e

sem retorno, em direção à Etnomusicologia. Também aqui se impôs uma preocupação marcadamente social e com a mirada voltada para o aqui, na ultrapassagem da separação entre temas propriamente acadêmicos e temas impropriamente acadêmicos, reconciliando-os e trazendo para dentro da pós-graduação realidades há muito desprezadas, se não segregadas.

As Práticas Interpretativas, enfim, passaram por processo semelhante de autoconhecimento, ampliando a oferta de formação pós-graduada a partir do núcleo original de violino e piano. Foram acolhidos outros instrumentos – o órgão, a flauta, o violão, a flauta-doce. Hoje, a subárea de Práticas Interpretativas encontrou o seu foco, em interlocução constante com curiosidades semelhantes aqui e lá fora, estendendo-se por grupos de trabalho e associações científicas nacionais e internacionais. Atualmente tem o maior número de orientadores e, conseqüentemente, a produção intelectual mais numerosa do Programa de Pós-graduação em Música.

Examinando o rol das dezenas de egressos do Programa, constata-se que os mestrandos e doutorandos sempre estiveram comprometidos com suas subáreas específicas, e assim as ressonâncias do PPGMUS são bastante amplas naquilo que indicam de nucleação de novos programas, de inserção no meio acadêmico nacional e internacional, reforçando os ideais de parceria simétrica, solidariedade e internacionalização que, nestes 30 anos, têm sido palavras de ordem na pós-graduação brasileira e que têm sido também norteadoras da pós-graduação na UFRGS. Ao mesmo tempo, a visibilidade internacional do Programa foi se tornando evidente, tanto pela atração de estudantes quanto pelos muitos pesquisadores que

nos visitaram e que aqui estiveram por algum tempo. Entre eles, há nomes memoráveis: Charles Rosen, Keith Swanwick, Jean-Jacques Nattiez, Roger Reynolds, Violeta Gainza e Richard Taruszkina.

A estruturação do Programa em quatro áreas bem definidas e com uma história sem grandes conflitos – há um pacto de entendimento e de concórdia entre todos – é responsável pelas avaliações consistentes que o Programa tem recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Primeiramente foi o conceito A, atingido ainda quando o sistema de avaliação era conceituado em letras. Na mudança para o sistema numérico, o Programa de Pós-graduação em Música chegou ao conceito seis e, em seguida, ao conceito sete. Vale lembrar que é o único da área de Artes/Música com conceito sete, o que o equipara, na Universidade, aos das áreas mais tradicionais – e mais duras –, como a Física, a Química, a Engenharia Civil e a Computação.

É tradicional, ao completar um aniversário redondo, pensar nos próximos anos. Serão anos de passagem, certamente, à medida que os orientadores *seniors* forem deixando a cena e houver sua substituição por novas gerações, tal como em 1987. A estruturação sólida e as avaliações positivas consistentes não indicam qualquer quebra, no entanto. O que se espera – mais do que o que se deseja – é que o Programa de Pós-Graduação em Música continue sendo um dos pilares da pós-graduação na UFRGS, enfrentando os desafios acadêmicos e sociais que certamente serão colocados à sua frente e ao seu redor.

\* Professor Titular do Instituto de Artes e docente do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS